EDIÇÃO 27 - JANEIRO DE 2025
ARTIGO RECEBIDO 10/10/2024
ARTIGO APROVADO ATÉ 11/11/2024

# Um Breve Olhar da Evolução dos Movimentos Literários de Machado de Assis a Manoel de Barros À Luz da Transgressão e Inovação.

Athayde Nery de Freitas Junior[1]

PPGEL/ UFMS

Wagner *Corsino Enedino*[2]

PPGEL/ UFMS

João Luís P Ourique[2]

PPGEL/UFMS

**Resumo**: O presente ensaio tem como objetivo fazer uma análise comparatória entre dois grandes escritores brasileiros: Machado de Assis e Manoel de Barros, sendo eles transgressores de uma estética sem deixar de reconhecer os processos evolutivos e os seus valores enquanto literatos.

**Palavras-chave**: Machado de Assis; Manuel de Barros; Análise.

**Abstract**: This essay aims to make a comparative analysis between two great Brazilian writers: Machado de Assis and Manoel de Barros. They are transgressors of an aesthetic while recognizing the evolutionary processes and their values as literati.

**Keywords**: Machado de Assis; Manuel de Barros; Analysis.

## Introdução

Ao ingressarmos nessas longevidades da literatura mundial em forma de contos, romances, crônicas, peças de teatro, músicas, poesias e etc. que ultrapassam séculos, espaços, oceanos, mentes e são tão atuais, ficamos estupefatos com a criatividade humana.

Segundo Claudio Willer (2004) na obra “100 poemas essenciais da língua portuguesa” –, que prefacia, ele afirma: “É preciso lembrar, em primeiro lugar, que o

homem é um animal simbólico. A Bíblia, os textos védicos ou sânscrito de 1.500 a.C., o Livro dos mortos tibetano, os povos que as conceberam não tinham essa noção de literatura, pois eram livros sagrados e não obras literárias." Mas, são essas construções que iniciam o processo de memória pela escrita. Aliás, como bem observou Ernest Robert Curtius em "Literatura Européia e Idade Média Latina", A literatura faz parte da educação. Mas, Por que e desde quando?

Pois de acordo com a história os gregos encontraram num poeta o reflexo ideal do seu passado, de sua existência, do mundo dos deuses. Não possuíam livros sacros nem castas sacerdotais. Sua tradição era Homero. Já no século VI a.C. era um clássico. "Desde então, a literatura é disciplina escolar, e a continuidade da literatura europeia está ligada à escola". Enquanto que no olhar de Yuval Noah Harari em sua obra "Sapiens (2020) "Uma breve história da Humanidade"". Ele pontua, que a nossa jornada humana se assenta em três grandes revoluções, as quais nos trouxeram até aqui. A primeira como sendo a revolução cognitiva, que seria a mais importante. Pois é a partir dela, que há cerca de 70 mil anos passamos a registrar nossa jornada com grafismos criando assim, memória.

A segunda revolução foi a agrícola há mais ou menos 12 mil anos, que encerrou o nomadismo e deu-se início à formação das cidades. E a terceira, tem sido a revolução tecnológica, essa que vivemos hoje em toda a sua plenitude negativa e positiva.

Do homem pré-histórico e seus mamutes e aves desenhadas nas paredes das cavernas, até a marca da pegada do primeiro passo do homem nas areias da lua, foi uma longa e sinuosa jornada. Todas essas revoluções tiveram o simbólico, a palavra e a escrita como seus sustentáculos, tiveram também a convivência como sua essência. O homem, sem dúvida alguma, é um ser que a partir do simbólico cria memória. Ou seja, somos humanos porque exercitamos a linguagem.

Somos, afinal, resultado da palavra e desde o princípio a litertura tem feito seu papel de desenvolver e humanizar, além de formar leitores. Diante dessas perspectivas o uso da Literatura na formação do sujeito é de grande relevancia, já que, buscasmos e necessitamos de nos comunicarmos. Para Coelho: (2000):

> Desde as suas origens, a Literatura aparece ligada à função essencial de atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações, e sobre os espíritos, nos quais se decidem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. No encontro com a Literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 2000, p.29).

Assim, podemos dizer que a literatura, as palavras escritas e faladas são o âmago da nossa capacidade de convivermos socialmente. É a essência da nossa existência, ela nos levará ao infinito, porque é através dela que significamos alguma coisa para os de ontem, os de hoje e os de amanhã.

A partir dessa base é que fazemos o registro indelével da nossa história. Pois bem, são dentro dessa busca da infinitude criativa que pretendemos aqui comparar dois escritores como sucedâneos desse acumulado da nossa evolução literária nacional e internacional, quais sejam, Machado de Assis e Manoel de Barros como transgressores de uma estética, sem deixar de reconhecer os processos evolutivos e os seus valores. Além das considerações acima, que remetem à Grécia como berço literário, vale aqui listar cronologicamente as influências que os dois escritores estiveram invariavelmente vinculados no Brasil:

1 - Primeiros registros e olhares dos navegantes. (Século XVI)

2- Olhares terrenos na terra Brasil- Barroco (Século. XVII)

3 - Entramos no Arcadismo (Século XVIII)

4 - Neoclassicismo

5 - À partir do ano de 1.836 até os nossos dias passamos pelo Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, pré modernismo, modernismo e pós modernismo.

Desse modo, Machado de Assis e Manoel de Barros carregam em suas obras, toda essa gama de movimentações literárias que, sem dúvida nenhuma, tornam-se fontes necessárias para o fazer poético e literário inovador e transgressor. Antes,

precisamos localizar esses dois escritores no tempo e no espaço: Machado de Assis nasce no Rio de Janeiro-RJ, em 21 de junho de 1839 e morre em 29 de setembro de 1.908. Manoel de Barros nasceu em Cuiabá-MT, em 19 de dezembro de 1.916 e morre em 13 de novembro de 2.014.

**Machado De Assis**

Machado de Assis recebe na sua formação intelectual, como que uma avalanche de várias ideias carregadas de todos os movimentos e sensações não só do seu local, Brasil, Rio de Janeiro, praias, ruas, becos, bares e salas de encontros, mas também, e especialmente, daquilo que estava sendo realizado no mundo todo se destacando na Europa. Encharca-se e apropria-se de todos os sentimentos, que possam colaborar para a sua transgressão literária do ponto de vista de uma nova estética. Como asseverou Afrânio Coutinho no seu "Estudo Crítico" quando localiza Machado e suas influências Ressalta as figuras de Machado de Assis que conciliavam o ideal nacional com a universalidade:

> O que fez Machado de Assis, foi aproveitar a matéria-prima brasileira, dentro daquele "instinto de nacionalidade", subordinando-a ao processo transfigurador no contato com os grandes mestres e modelos (COUTINHO, 1968, p. 36-37)

**Da Realidade ao Símbolo**

Na interpretação do cânon machadiano, fica certa crítica perplexa diante da necessidade de defini-lo e classificá-lo segundo os quadros correntes das escolas literárias. Tendo atravessado os estilos romântico, naturalista, parnasiano, simbolista, Machado de Assis logrou escapar dos rigores das escolas. Compreendendo-as todas muito bem, por havê-las estudado teórica e praticamente; tendo sedimentado a sua concepção literária pelo estudo da arte clássica de todos os tempos, soube manter-se equidistante, atravessando as escolas com independência, absorvendo o que de aproveitável cada uma oferecia, sem se deixar levar pelos excessos, que deformam a

sadia visão artística e prejudicam a realização de uma obra de significação perene e universal.

Viveu os primeiros anos de vida intelectual consciente em pleno Romantismo, as décadas de 50 e 60, e tal foram a impregnação recebida que ele mesmo confessou:

> "É desenganar. Gente que mamou leite romântico pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! Meu doce leite romântico!" (Crônica de 25-12-1.892)

Sendo assim, Machado de Assis, bebe em todas as águas da nossa literatura bem como da literatura externa sem preconceito e com absoluta dedicação em reconhecer as suas evoluções estéticas. Por isso, sua obra consegue açambarcar toda essa carga de absoluta devoção a uma estética que não agride e sim, nos deixa sem fôlego quanto à lucidez de sua técnica que traz aspectos psicológicos, filosóficos e de fidelidade à descrição dos sentimentos coletivos de sua época no Rio de Janeiro. Sua obra é local e universal.

Aliás, sobre esse aspecto, é importante registrar aqui outra passagem do "Estudo crítico" de Afrânio Coutinho (1992), quando menciona a teoria do molho:

> Quando Machado de Assis afirmou que "pode ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para tempera-la com o molho de sua fábrica", estava gravando num aforismo toda a sua teoria da originalidade em literatura. Noutro passo, condenando os macaqueadores de Victor Hugo, "que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação", sentencia ele novamente no mesmo sentido: "O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espirito o espirito do modelo". "Ainda noutra ocasião afirmara: Tiro de cada coisa uma parte e faço o meu ideal de arte, que abraço e defendo". Em outro lugar declara: "Que a evolução natural das coisas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará: mas há alguma coisa que liga, através dos séculos, Homero e Lorde Byron, alguma coisa inalterável, universal e comum, que fala a todos os homens e a todos os tempos".

Portanto, o marco dessa transgressão/evolução é a sua obra "Dom Casmurro", que além de carregar todas as influências psicológicas pessoais quanto ao seu olhar pessimista do mundo e dos seres humanos, ele desenvolve uma técnica inovadora de lançar nos personagens toda uma carga emocional da época, com Bentinho vivendo sua vida sem solavancos nem econômicos, sociais ou de qualquer ordem e, ao mesmo tempo em que vai engrossando cada vez mais sua alma de pequenos acontecimentos pueris entre Capitú e seu amigo e sócio. De repente, como num tsunami, após a fatídica morte do Escobar e o choro copioso de Capitú no Velório, acende na alma do nosso narrador um turbilhão de dúvidas quanto à fidelidade conjugal de Capitú. Ainda hoje, Capitú é a personagem mais emblemática da literatura brasileira. Valendo filmes, estudos, versões e inúmeros debates quanto à sua conduta. Absolutamente atual em muitos aspectos.

**Nesse entremeio de transgreções temos Manoel de Barros**

Assim, poderíamos comparar a transgressão/evolução também na obra do poeta Manoel de Barros. Cuiabano, campo-grandense e pantaneiro por infância e por herança, deixou que o seu espírito de artista da palavra se inundasse dos gorjeares matinal e imensidões de águas e bichos que passeavam na frente do seu olhar sensível.

Sem dúvida alguma, que a origem do Manoel é que lhe deu as ferramentas para construir sua originalidade. É importante dizer, que Manoel não se considerava um poeta pantaneiro, mas sim, como alguém que se apropriou do pantanal para sedimentar sua poesia humanista, carregada de filosofia e equilíbrio entre o abstrato e o concreto na busca do belo.

No seu livro "Poesia Completa, Manoel de Barros (2010)", ali já nos indica suas origens e predileções:

> Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia solidão. " (MANOEL,P.07)

Na mesma "Entrada" vai buscar em Aristóteles com "impossíveis verossímeis" a inspiração para:

"É nos loucos que grassam luarais;

Eu queria crescer para passarinho;

Sapo é um pedaço de chão que pula".

"Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.". (Manoel de Barros 2010, p. 07).

A sua poesia "O fazedor de Amanhecer" é uma construção poética que transgride de maneira contundente o fazer tradicional. É como "A máquina do mundo" de Drummond sendo sintetizada para um relacionar com a realidade com mais suavidade. Vamos a ela:

**"O Fazedor de Amanhecer", Manoel de Barros:**

"Sou leso para tratagens com
máquinas". Tenho desapetite para
inventar coisas prestáveis.

Em toda minha vida só engenhei 3 máquinas

Como sejam:

Uma pequena manivela para pegar no sono Um
fazedor de amanhecer para usamentos de poetas

E um platinado de mandioca para o

Fordeco de meu irmão

Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias
Automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.

Fui aclamado de idiota pela
maioria das autoridades na entrega
do prêmio. Pelo que fiquei um
tanto soberbo.

E a glória entronizou-se para
sempre em minha existência.”

Pode-se perceber nessa poesia vários movimentos em busca desse equilíbrio entre o abstrato e o concreto na busca do belo. Assumir a sua leseira para tratagens com máquinas e ao mesmo tempo inventar algumas inutilidades como equipamentos lúdicos especialmente o “fazedor de amanhecer para usamentos de poetas” define uma tarefa aos poetas que é “construir” amanheceres.

Uma “manivela para pegar no sono” como que fazendo um tributo à preguiça, uma crítica às maquinas que te obrigam a uma alienação infinita e ofensiva, criando uma dependência insuportável.

E finalmente o “platinado de mandioca para o fordeco do meu irmão” algo que, a meu ver, é uma crítica contundente à corrida desenfreada por carros que emitem dores e odores. Um platinado de mandioca não poderia usar combustível fóssil.

O prêmio de ser aclamado como idiota lhe traz a soberba. Mas quem são os verdadeiros idiotas?

Assim, a poesia do Manoel tem um ritmo em que a ligação das palavras tem uma sonoridade suave que não tem rima, mas tem liga. Essa liga faz com que o poema flua em nosso olhar e quando falado ele encanta o nosso ouvir.

> O sentido normal das palavras não faz bem ao poema. Há que se dar um gosto incasto aos termos. Haver com eles um relacionamento

> voluptuoso. Talvez corrompê-los até a quimera. Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los. Não existir mais reis nem regências. Uma certa luxúria com a liberdade convém. (BARROS, 1989, p. 56)

A linguagem poética Pós-Moderna de Manoel de Barros é a busca pela renovação de sentidos, caminhos esses que ultrapassam os limites das palavras.

**Conclusão**

Neste pequeno artigo, porém, não menos importante, pode-se observar nesses escritores, o quanto cotribuiram e ainda contribui na formação dos leitores e pesquisadores da literstura e áreas afins.

Observou-se que a literatura machadiana está carregada dessa introspecção, desse psicológico, desse emocional que faz do ser humano um ente quase que patético, sempre a cumprir um papel. O Estilo Machadiano é marcado por frases simples. Longe de apresentar um excesso de termos complexos, a obra machadiana se aproxima da maneira como as pessoas falavam.

Assim, o ser humano tem o seu futuro comprometido pelas suas mediocridades cotidianas. Tais reconhecimentos humanos levados a efeito por Machado de Assis com sua pena sarcástica, brilhante e com forte influência das suas próprias vivências e frustrações, nos desnuda de forma singular e inegável. Seu trabalho literário faz das nossas tragédias um tratado minucioso de nossa alma tão multifacetada, com forte tendência para angústia.

Enquanto Manoel de Barros encarna em sua obra a necessidade de resgatarmos nossa humanidade a partir da adoração e busca do belo. É uma das mais contundentes críticas ao consumismo desenfreado, ao egoísmo, à não percepção do outro. Manoel busca na elevação do insignificante a possibilidade de fazermos as pazes com o planeta enquanto há tempo. Se conseguirmos perceber um caramujo e o

seu andar, como não perceber a criança abandonada?

As obras de Machado de Assis e de Manoel de Barros são precursoras de novas estéticas intimamente vinculadas a um processo evolutivo do nosso simbólico mais remoto ao simbólico mais contemporâneo.

**Referência**

WILLER CLAUDIO- “100 POEMAS ESSENCIAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA” ED. LEITURA – 2004.

HARARI NOAH YUVAL: SAPIENS - O NASCIMENTO DA HUMANIDADE COMPANHIA DAS LETRAS, 1ª ED. 2020.

BARROS MANOEL: POESIA COMPLETA, ED.LEYA. 2010-PAGS.473,474.

COUTINHO AFRÂNIO, MACHADO DE ASSIS/OBRA COMPLETA VOL. I. BIBLIOTECA LUSO BRASILEIRA, EDITORA NOVA AGUILAR, 1.992, PG.29.

COUTINHO, AFRÂNIO: O ENSINO DA LITERATURA. RIO DE JANEIRO: DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL, 1975.

COELHO, NELLY MORAES. LITERATURA INFANTIL: TEORIA, ANÁLISE, DIDÁTICA. SÃO PAULO. MODERNA, 2000.

ASSIS, MACHADO. “LITTERATURA BRASILEIRA: INSTINCTO DE NACIONALIDADE”. CRITICA LITTERARIA. RIO DE JANEIRO: W. M. JACKSON. (1938133-154).

CANDIDO, ANTONIO. 2009. FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: MOMENTOS DECISIVOS (1750- 1880). 12. ED. RIO DE JANEIRO: OURO SOBRE AZUL.

COUTINHO, AFRÂNIO. 1940. A FILOSOFIA DE MACHADO DE ASSIS. RIO DE JANEIRO: VECCHI.

COUTINHO, AFRÂNIO. 1968. CRÍTICA E POÉTICA. RIO DE JANEIRO: LIVRARIA ACADÊMICA.

COUTINHO, AFRÂNIO. 1966. MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA. 2. ED. RIO DE JANEIRO: LIVRARIA SÃO JOSÉ.

BARROS, MANOEL DE. O GUARDADOR DE AGUAS. SÃO PAULO: ART EDITORA, 1989.

JUNIOR, Athayde Nery de Freitas, ENEDINO, Wagner Corsino e ORIQUE, João Luís P. **Um Breve Olhar da Evolução dos Movimentos Literários de Machado de Assis a Manoel de Barros À Luz da Transgressão e Inovação**. In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 27, ISNN 1983-6740, Janeiro/2025. Pp. 53-63: Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, http://ojs.pantanaleditoraelivraria.com.br